

DOSSIÊ DE ESPETÁCULO

mo
ra
da

AFOITA
TEATRO

Espectáculo intimista que põe à mesa
um assunto para toda a família



A família é o microcosmo de uma sociedade e reflete as mudanças da estrutura social ao longo do tempo. Esta é a grande questão trazida pelo espetáculo morada: a urgência de se repensar a ideia de estrutura familiar, posto que a definição de família tradicional - no arranjo formado por um pai, uma mãe e seus respectivos filhos - não compreende a realidade e a multiplicidade da nossa sociedade. O que o espetáculo propõe é a liberdade de se pensar outras configurações para a composição familiar.

“morada” é um espetáculo que suscita empatia no espectador logo no começo, quando dentro de um quadrado-cômodo com música sendo executada ao vivo em consonância com o momento, os atores elegem interlocutores na plateia e travam um diálogo direto, um convite para conversa.

A estrutura dramatúrgica fragmentada, em torno de um mesmo tema, remonta diversos graus de parentescos e oferece espaços para ser preenchido por cada pessoa da plateia com suas questões, sentimentos e lembranças



SINOPSE

Como a família reflete as transformações da sociedade? Em Morada, essa estrutura é colocada à prova com humor e ironia. O espetáculo desmonta estereótipos de forma lúdica e provocativa, convidando o público a repensar laços, afetos e convenções.

FICHA TÉCNICA

Dramaturgia coletiva

Elenco: Alessandra Silva, Kaike Barto, Natália Vargas/Ana Tostes, Priscila Natany e Roger Xavier

Direção: Marcos Fonseca

Assistência de direção: Júnio de Carvalho

Iluminação: Ricardo Ribeiro

Operação de luz: Geraldo Saldanha

Figurino e cenário: O grupo

Costureira: Maria Vianini

Direção musical: Júlia Dusi, Kaike Barto e Natália Vargas

Cenotecnia: BREKIXIP Estúdio Criativo

Provocações Criativas: Camélia Amada, Fabiana Fontana e

Luís Firmato

Design gráfico: Priscila Natany

PROPOSTA DE ENCENAÇÃO

Morada nasce da escuta das histórias trazidas pelos atores — relatos que revelaram não apenas experiências particulares, mas a pluralidade de formas possíveis de se constituir uma família. Durante o processo de criação, o grupo compartilhou memórias e afetos, revelando a complexidade e a multiplicidade das vivências familiares. Essa escuta fez surgir uma imagem que atravessa todo o espetáculo: o ovo. Inspirados no conto “O ovo e a galinha”, de Clarice Lispector, encontramos nessa metáfora um campo fértil para tratar do enigma que é a família — uma entidade que, como o ovo, escapa a definições fixas e se desdobra em camadas, contradições e afetos.

A cena se constrói na confluência entre o poético e o cotidiano, mantendo um diálogo direto com a tradição da artesanaria do teatro mineiro. A dramaturgia se desenrola em torno de situações familiares, evocadas por gestos simples como fazer um bolo, partilhar um jantar ou lançar um ovo de um ator para o outro. Essas ações, aparentemente banais, se tornam dispositivos cênicos para falar de criação, de vínculos e da possibilidade de reinvenção.



Morada oferece café ao público como quem convida para uma conversa íntima e sensível, onde o riso e a reflexão se entrelaçam. O espetáculo propõe uma reflexão sobre o que significa morar com alguém: quais pactos, quais silêncios, quais afetos sustentam essa escolha? E, sobretudo, quem tem o direito de chamar alguém de família?

Questionando o modelo tradicional – baseado no arranjo pai-mãe-filhos – a peça reivindica outras formas possíveis de convivência, acolhendo a pluralidade dos núcleos familiares contemporâneos. Em especial, destaca-se a luta por reconhecimento da comunidade LGBTQIAPN+, cujas formas de família ainda enfrentam resistência e apagamento.



INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Drama contemporâneo

Duração: 80 min.

Classificação indicativa: 16 anos

Condições do espaço:

Palco: Tipo espaço alternativo / Multiuso / Sala Preta ou Palco italiano com possibilidade de colocar público no palco. A plateia tem configuração quadrifrontal.

Profundidade Mínima: 15m

Largura Mínima: 15m

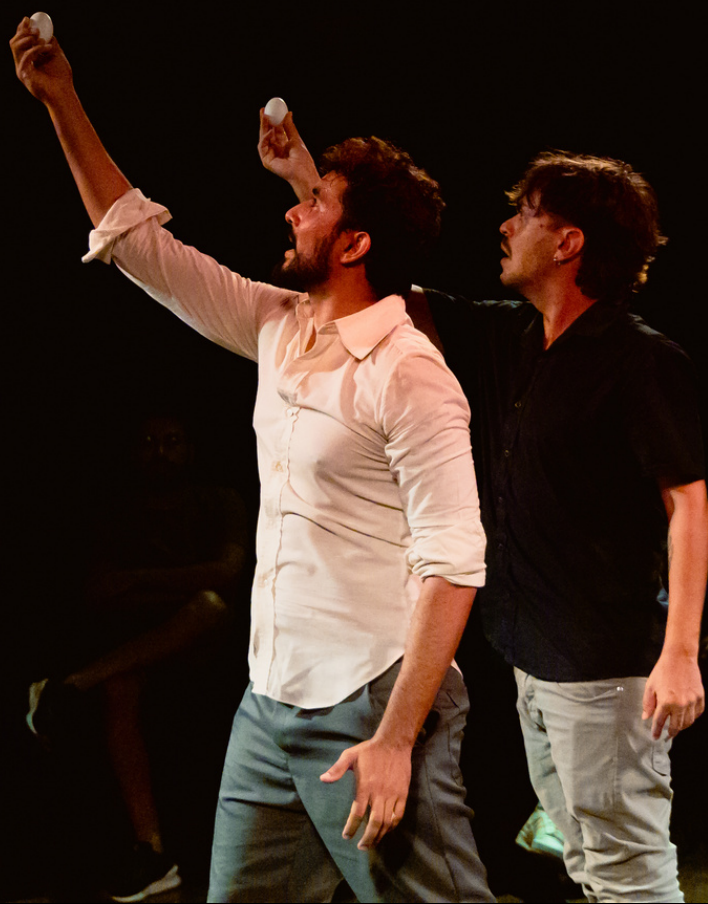
Altura Mínima: 4m

Tempo de mínimo de montagem: 8h

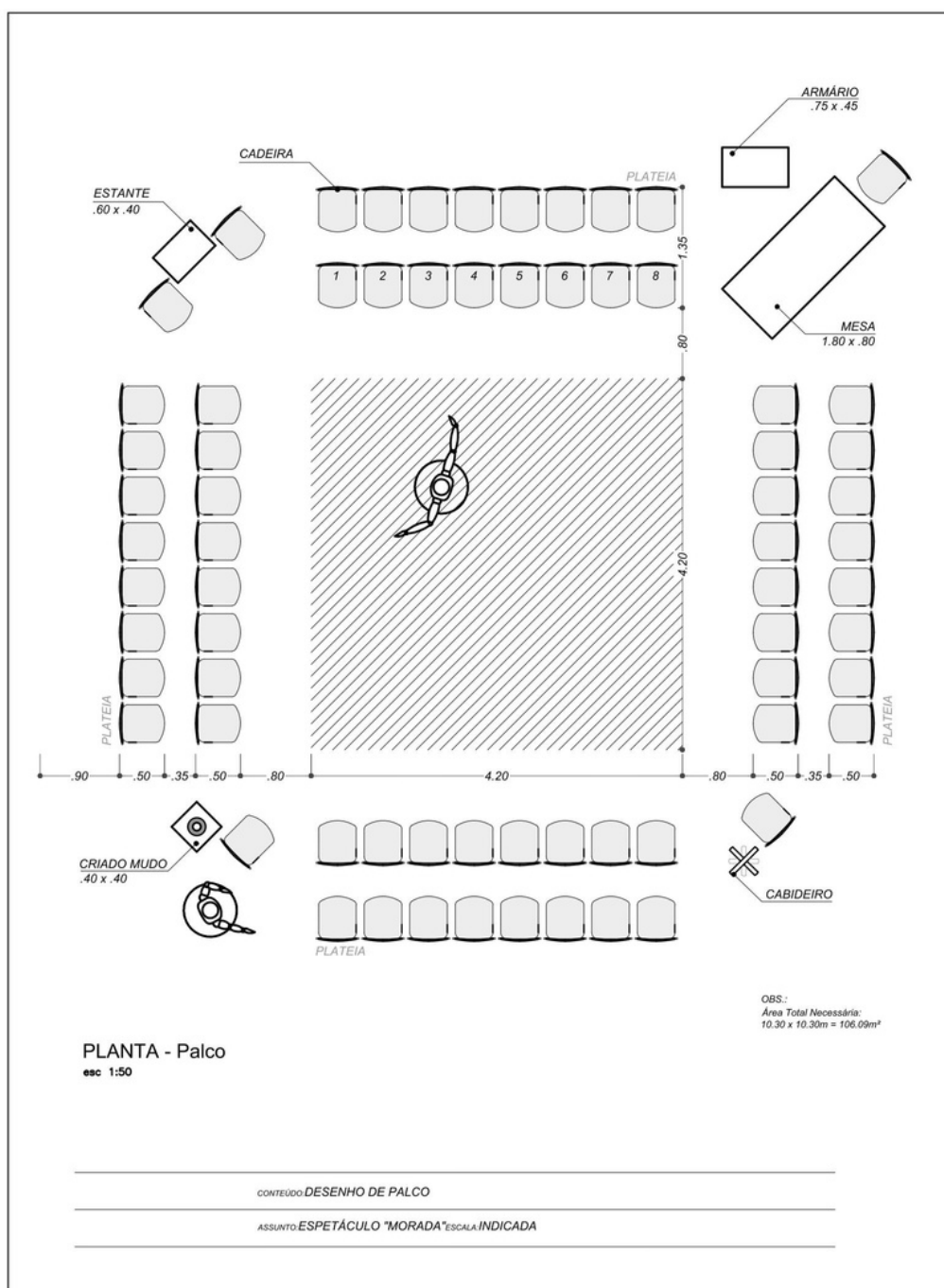
Tempo de desmontagem: 2h

Não utilizamos cortinas, pernas ou projeção.

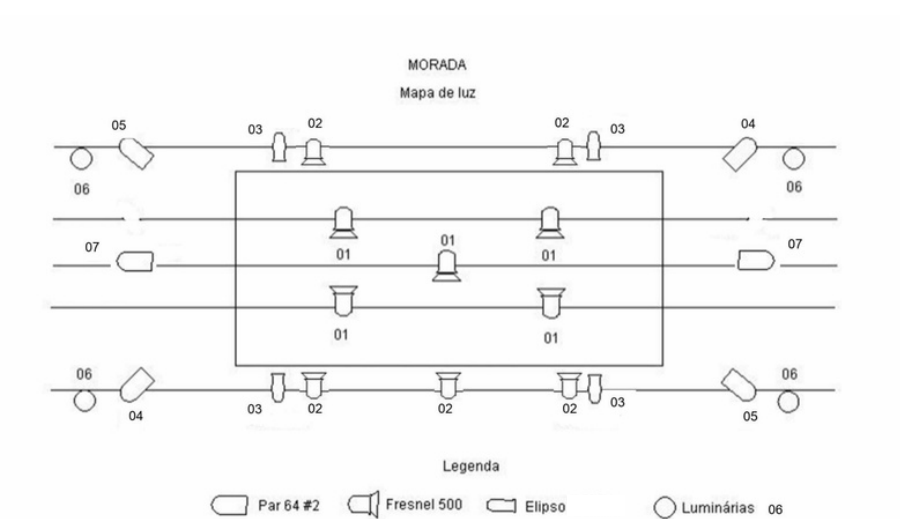
Só é necessário que tenha arquibancadas dos quatro lados para o público ou cadeiras em praticáveis.



MAPA DE PALCO



MAPA E RIDER DE LUZ



Quantidade: 6

Refletor: Par 64#2

Quantidade: 10

Refletor: Fresnel 500w

Quantidade: 4

Refletor: Elipsoidal

As luminárias fazem parte da cenografia do espetáculo

RIDER DE SOM

Durante o espetáculo o grupo utiliza tanto a reprodução de áudio mecânico como a realização de sons e música ao vivo. Para a reprodução mecânica, precisamos de pelo menos duas caixas amplificadoras que estejam ligadas à mesa de som.

- 01 mesa de som
- 01 cabo p2p10
- 01 cabo p2p2
- 02 caixas amplificadoras



LINKS

Fotos

<https://drive.google.com/drive/folders/1zprMx3t3oDBJuaF8cGV9DgWnrazyfwZw>

Registro da peça em vídeo

https://youtu.be/r_s-qo64XRI

Depoimentos de público

<https://youtube.com/shorts/q429k9ZbjTY>

Mapas e riders

<https://drive.google.com/drive/folders/1x-OVkJVr0vnhvj4ZxKu-5bMCfI3uihBmD>

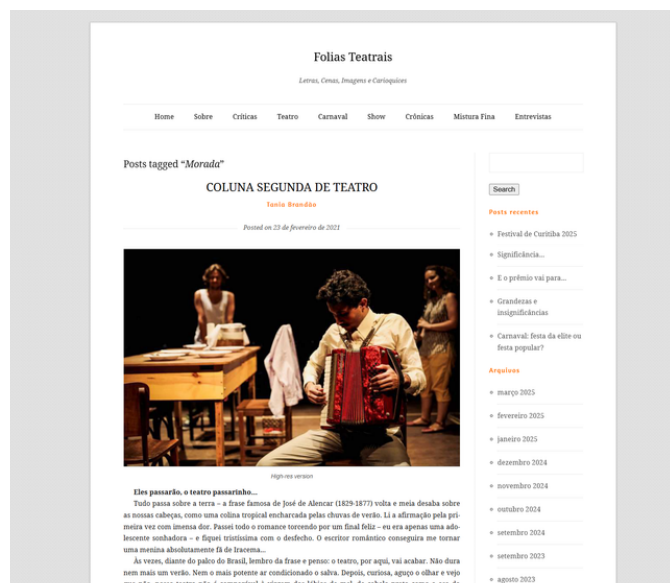
Clipping

https://drive.google.com/drive/folders/1g_ntpAJZeJ_uO6a4z2CaUIv-zFWuaFtUz

CRÍTICA PÚBLICA NO BLOG “FOLIAS TEATRAIS” - COLUNA SEGUNDA DE TEATRO

POR TÂNIA BRANDÃO

Historiadora, pesquisadora de História do Teatro Brasileiro, professora, ensaísta, escritora, crítica de teatro. Professora colaboradora do PPGAC UNIRIO, onde orienta dissertações e teses dedicadas ao estudo do teatro brasileiro.



Pois é – teatro em estado puro. Mas, de repente, tem muito mais. Mal me recuperei da constatação da grandeza teatral de Niterói e... logo em seguida, recebo um convite para conferir as travessuras teatrais de uma garotada dinâmica, febril, na verdade uma amostra do celeiro mineiro de fantásticas ideias cênicas. Não é só o Galpão que Minas Gerais tem para nos surpreender. Há um circuito borbulhante de grupos e de ofertas teatrais varrendo as terras do velho estado, ouro e diamantes teatrais por toda a parte. É só levar a sua bateia. Neste caso, fui conferir a apresentação do jovem elenco da Afoita Teatro. Eles foram convidados para uma apresentação na 7ª. Temporada de Teatro de Sete Lagoas.

O festival acontece num pequeno teatro local – o Centro Cultural Nacional Teatro Preqaria. A adesão da comunidade explica um bocado o sucesso, pois a Cimento Nacional é mantenedora das atividades, ao lado de diversas empresas locais, amigas do teatro. Há, portanto, ao redor dos fatos, uma trama social diferenciada, a favor da grandeza cidadã traduzida pela cultura.

O espetáculo, *Morada*, dirigido por Marcos Fonseca, não poderia ser mais contemporâneo. A dramaturgia nasceu de fatura coletiva, ao redor de um dos temas quentes na vida de todos hoje: a estrutura cambiante da família. Em cena, a vida não pára. Várias visões da ordem familiar, múltiplos aspectos da crise da velha família patriarcal, explosivas perguntas sobre afetos e emoções convidam a plateia a situar suas próprias opções e visões de mundo.

A montagem acontece em arena, num espaço quadrado desenhado no chão, sugestão de cômodo, quer dizer, insinuação de *morada*. Além das cenas devotadas às emoções, aos conflitos, aflora aqui e ali o cotidiano, as ações domésticas corriqueiras, em particular a vida de cozinha, capaz sempre de reunir a todos. O espaço escolhido, circular, se impõe como uma roda de viver, cercado de gente por todos os lados. E, assim, não há fundo, tudo acontece sempre *entre* a plateia e o elenco, até mesmo com a chance de diálogos diretos com algum espectador – um *entre* afinal preposição e verbo, pois a estrutura aberta do texto e a interação com o público supõem que a contemplação se dê como forma ativa.

O elenco jovem esbanja engajamento e faz profissão de fé a favor do teatro: além de atuações dignas, empenhadas, eles cantam, tocam instrumentos, fazem com que a música integre a linha de trabalho. Ver em cena a vitalidade e a energia criativa de Roger Xavier, Alessandra Silva, Kaike Barto, Priscila Natany, é uma vacina contra o desânimo, esta doença hoje tão forte na alma nacional.

Destaque-se: o fato em si já seria importante convite para o pensamento a respeito da potência do teatro brasileiro hoje. No entanto, o acontecimento revela uma outra condição digna de destaque. Este festival, cuja história (basta consultar o site) apresenta uma riqueza surpreendente, denuncia a existência de uma rede teatral de consideráveis proporções.

PARA LEITURA COMPLETA:

<https://foliasteatrais.com.br/tag/morada/>

ENTREVISTA PUBLICADA NO JORNAL “TRIBUNA DE MIINAS”

POR RENATO
KNOPP(JORNALISTA) E
KAIKE BARTO(ATOR CO-
FUNDADOR DA AFOITA TEATRO)

Um convite para repensar os laços familiares



Tribuna: Como foi o processo de concepção da peça?

Kaíke Barto: Bem, começamos em 2016 em São João del Rei. Nos conhecemos no Curso de Preparação para Atores da então Cia. Manicômicos, hoje Teatro da Pedra e também no curso de teatro da UFSJ. Nos tornamos muito amigos e decidimos que queríamos fazer algo juntos. Essa é uma das principais premissas de quem quer se dedicar ao teatro: estar disposto a fazer algo junto. Nossa mistura era composta por muitos interesses, cada integrante já possuía uma trajetória muito diversa nas artes, isso nos possibilitou uma alquimia única. A princípio, não cogitávamos uma montagem. Eram apenas oficinas para partilhar os saberes. Aos poucos, o desejo de criação foi surgindo. Começamos a pesquisar textos, nos encontramos com autores como Clarice Lispector, Italo Calvino, Caio Fernando Abreu e com nossas próprias histórias de vida. Fomos, pouco a pouco, nos constituindo enquanto agrupamento de atores e atrizes – este também era um desejo: um grupo de criadores sem direção fixa, para que pudéssemos trabalhar a multiplicidade de olhares como tônica. Das oficinas, foram surgindo pequenas células cênicas. Destas células, surgiram argumentos para uma temática recorrente nas nossas conversas: as relações familiares. Seja para narrar os afetos ou para repensar convenções ou os estereótipos do que temos enquanto imaginário coletivo. Como as relações familiares nos constituem? Como contribuem para as transformações sociais? A partir destas e outras perguntas, fomos encontrando nossa processo de criação. Apostamos no simples: um quadrado marcado com fita adesiva no chão, uma plateia quadrilateral, onde o espectador visualiza quem está à sua frente enquanto assiste a peça – e logo, participa da trama – alguns móveis de madeira, atores e atrizes que estão sempre em cena e que não necessariamente defendem um mesmo papel do início ao fim, mas que jogam com figuras ao longo do espetáculo. O espaço cênico começou a ganhar forma de cômodos de uma casa e aos poucos fomos também desvelando os incômodos de uma morada. Apenas depois de várias cenas já levantadas, foi que convidamos Marcos Fonseca, nosso amigo, para organizar o material com o seu olhar na direção. A partir disso, criamos uma matriz do material que tínhamos e fomos “armando” a peça em quadros, como os canovacci da commedia dell’arte e organizando de forma não linear a dramaturgia autoral.

Como as dinâmicas sociais são refletidas na vida familiar?

Entendo que a família é tanto um reflexo quanto um agente de transformação da sociedade. E não necessariamente se dá apenas por laços biológicos. Em “Morada”, abordamos os estereótipos, contradições e afetos familiares, colocando “sobre a mesa” este assunto para ser pensado por todos nós, no ato. Podemos perceber como certos padrões sociais são reproduzidos dentro do

ambiente doméstico, mas também como a intimidade familiar ou a falta dela permite tensioná-los.

Por exemplo, os papéis de gênero – muitas vezes estabelecidos pela cultura e pela tradição – se manifestam na divisão de tarefas dentro de casa, nas expectativas sobre comportamento e até mesmo na forma como os afetos são expressos ou reprimidos. Da mesma forma, questões como classe social, religião e até influências midiáticas ajudam a moldar os conflitos e laços entre os membros da família.

Outro ponto interessante é como a família pode ser um espaço tanto de acolhimento quanto de conflito. Afetos e desafetos coexistem porque cada indivíduo dentro da família traz suas próprias vivências e desejos, sua trajetória, sua crença, que nem sempre se encaixam nos padrões esperados. Isso gera contradições: ao mesmo tempo que a família pode oferecer segurança e pertencimento, ela também pode ser o espaço onde as normas sociais mais rígidas são impostas.

A peça, ao jogar com o tema com humor, música e dramaticidade, permite uma reflexão crítica sobre o que significa “morar” em um espaço compartilhado com outras subjetividades, como os laços familiares se constroem e se desconstroem, e como as relações íntimas são afetadas pelas transformações sociais mais amplas.

São muitos os modos de ser das famílias, desde sua estruturação, até as formas como o afeto é demonstrado (ou a falta dele). Como essas quase infinitas formas de ser família são representadas no palco?

No processo de criação da peça, nós conversávamos muito sobre nossas próprias relações familiares. Isso nos mostrou, já no próprio grupo, uma infinidade de formas de “ser família”. Percebemos que esse microcosmo era mais complexo do que imaginávamos. Foi então que esbarramos no conto “O ovo e a galinha” de Clarice Lispector e apostamos nesta paisagem, nas possíveis metáforas do ovo, para tratarmos desta diversidade. Ao longo da peça, retornamos a esta imagem muitas vezes. Seja na feitura de um bolo em cena, em um jantar compartilhado, lançando ovos de um ator para outro ou mencionando o ciclo de criação da vida na gestação. No conto, o ovo é um mistério que escapa a definições fixas, assim como a ideia de família, que vai além de um único modelo. Da mesma forma que a narradora tenta compreender o ovo sem sucesso, a família também não pode ser reduzida a regras definitivas, pois é feita de camadas, afetos e contradições.

“Morada” questiona os padrões sociais e mostra que a família é um espaço de construção contínua, onde o que nos une não é apenas o sangue, mas as relações e vivências compartilhadas. Ao mesclar o enigma do ovo com as dinâmicas familiares, a peça propõe uma reflexão sobre o que significa “morar” com alguém e como a família está sempre em movimento, reinventando-se além dos estereótipos.

Gostaria que comentasse um pouco sobre esses oito anos que “Morada” vem rodando o Brasil. Para uma peça independente é bastante tempo, né?

Sim, é bastante tempo! Nós brincamos que somos uma companhia de uma peça só (risos). E isso é muita coisa! “Morada” é o nosso carro chefe. Cada integrante tem seus projetos pessoais e nos apoiamos muito, para além de estarmos juntos em cena. Viver de arte no Brasil, sendo do interior ainda, é muito difícil. Com todas as dificuldades estruturais que o setor enfrenta, poder dizer que estamos caminhando para uma década de vida desta obra autoral, independente e encampada por jovens artistas é mesmo um feito. Nestes oito anos, tivemos encontros muito especiais com espaços e públicos muito distintos. É sempre uma grande novidade! O perfil da peça perfeita isso também, é um trabalho poroso que se “contagia” com o contexto do momento. É mesmo uma alegria para um grupo independente ter em seu histórico circulações a partir de prêmios como o BDMG Cultural e o Funarte Circulação das Artes. Em 2022, a companhia também foi indicada na categoria de Melhor Grupo ao Prêmio Cenym de Teatro Nacional pela Academia de Artes no Teatro do Brasil.

Quais são as expectativas ao trazer “Morada” para Juiz de Fora?

Já passamos por praticamente todas as cidades dos integrantes do grupo e nos faltava Juiz de Fora, cidade da nossa atriz e musicista Natália Vargas. Então, estamos muito felizes por esta oportunidade! Queremos muito conhecer o público juiz-forano e esperamos que possam se divertir conosco e nos ajudar a contar estas histórias.

LINK DA ENTREVISTA:

<https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/14-03-2025/morada.html>

SOBRE O GRUPO

Criada em 2017, a Afoita Teatro é formada por um grupo de atores mineiros. Cada integrante reúne em suas trajetórias individuais anos de experiências múltiplas e, juntos, desenvolvem um projeto de teatro ancorado na investigação de uma forma de criação coletiva e dramaturgia autoral, partindo do reconhecimento do teatro de grupo como força e característica de mercado teatral no Estado de Minas Gerais. O espetáculo “morada” é o nosso carro de batalha, primeira criação do grupo, estreada dia 30 de setembro de 2017. A obra participou de festivais como o 30º Inverno Cultural da UFSJ, 7ª Temporada de Teatro de Sete Lagoas, Festival de Teatro de Araguari - MG, 3º Festevi - Festival de Teatro de Viçosa, Festival Capivara de Teatro, Programação de Artes Cênicas da FUNARTE (2018) - Belo Horizonte, Temporada de espetáculos do Espaço Rotunda - Barbacena/MG. Em 2021, o grupo foi contemplado com o Prêmio Trilha Cultural, do BDMG Cultural. Em 2022, a companhia foi indicada na categoria de Melhor Grupo ao Prêmio Cenym de Teatro Nacional pela Academia de Artes no Teatro do Brasil e fez parte da Mostra Em Câmbio - Cenas de Minas, contemplada pelo edital Funarte Circulação das Artes - Edição Centro-Oeste.

CONTATO: afoitateatro@gmail.com

www.instagram.com/afoitateatro



ARTES CÊNICAS

Retratos de famílias em cena

Alex Bessas

A palavra família traz consigo significados diversos. Entre eles afeto, cumplicidade, e também conflito e até conservadorismo. Mas a verdade é que, independente de sua constituição, é fácil saber quando se está em família. É esta a premissa da peça "Morada", da Afoita Teatro, grupo de São João del-Rei que traz a apresentação para Belo Horizonte a partir da próxima quinta (5).

Uma companhia teatral que surgiu em 2016, de alunos egressos da Universidade Federal de São João del-Rei, a Afoita é formada por seis atores e, desde sua fundação, mantém uma mesma composição. São quase uma família. Tanto que o tema surgiu de forma muito natural para os artistas, que assinam a dramaturgia cole-

tivamente.

"Todos nós viemos de famílias tradicionais e hoje as nossas próprias famílias não têm mais essa constituição", explica o ator Roger Ferreira Xavier, um dos quatro em cena na peça. Ele lembra que os integrantes da trupe vieram do interior de Minas e se estabeleceram na cidade universitária. Por essa razão, o título "morada" faz todo sentido. "Não é à toa, pois a palavra é associada ao lugar onde você vive por um tempo, não é a mesma coisa que lar... É um espaço que você ocupa, mas que depois se muda", continua ele.

COMUM

Famílias formadas por casais homo ou heterossexuais, com ou sem filhos, por mães solteiras ou avós e netos: "indiferente do arranjo, os sentimentos são sempre os mesmos", defende Xavier. E são si-

tuações comuns a toda amplitude que a família possa significar que a peça emula. "Existem vários personagens que podem ser de qualquer modelo familiar", analisa.

Base do espetáculo, as cenas acontecem em cômodos de uma casa. Ali, os atores criam uma paisagem imaginando quais seriam as relações possíveis entre as quatro

paredes, seja de uma cozinha, uma sala de TV ou um quarto, por exemplo. Entre as esquetes, os atores montam e desmontam esses cenários, fazendo com que a ideia de mudan-

ça seja uma constante.

Como Xavier deixa evidente, a construção do espetáculo partiu de um assunto comum: "mantemos uma relação distanciada, fisicamente, de nossos familiares. Quando nos demos conta, estávamos falando sobre isso". Mas que fique claro, no palco, o grupo foge de idealizações. Assim, "Morada" tem ar intimista e se coloca em contato direto com a plateia – por vezes, reagindo a ela.

É a primeira vez do grupo são-joanense em BH. O que é, sem dúvida, motivo de expectativa. Afinal, são daqui "grupos, como o Galpão, que foram fundamentais para nós, e que nos inspiram", define Xavier.

Morada

Funarte MG (r. Januária, 68, Centro). De 5 a 15 (quinta a domingo). Entre quinta e sábado, às 20h; domingo, às 18h. R\$ 20 (inteira).

Qui a dom.
5 a 15.jul.



MARLON DE PAULA/DIVULGAÇÃO

Reflexão
Grupo apresenta peça em que reflete sobre os diversos significados contidos na palavra família

ESTADO DE MINAS • QUINTA-FEIRA, 5 DE JULHO DE 2018

CULTURA

5

cult..

SARAMAGO

NOVO LIVRO

Um diário inédito de José Saramago (1922-2010), encontrado numa pasta em seu computador, será publicado em outubro em Portugal e na Espanha, anunciou Pina Del Rio, viúva do autor. Em 1988, quando o português ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, Saramago é o sexto e último volume de Cadernos de Lanzarote, cujo título remete à ilha do Arquipélago das Canárias, onde o casal morou até a morte de Saramago.



SHOW

KINO E ZE

Parceiros de longa data, Kiko Kilar e José Luis Bragão (Belo) se apresentam hoje no projeto Dois no quarto, no Teatro da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais (Prós do Ipiranga, 21, Funcionários). Apesar de Kiko ter produzido o CD solo e um álbum do Conselho e O Uio Político, banda de José Luis, é a primeira vez que eles compõem juntos. O show começa às 19h30. Ingressos custam R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meio-entrada). Informações: (31) 3279-8601.



ODE A MINAS

DOS CARLOS

Duro Preto ganha hoje mais um espaço cultural, o Ateliê Casa Bracher, que vai abrigar obras de arte de artistas locais e Carlos Bracher (Belo). No sábado, às 19h30, será lançado Carta mineral (leitor do tempo), livro com textos de Carlos Drummond de Andrade sobre Minas Gerais e ilustrado por Carlos Bracher. O volume, organizado por Joana Pinheiro Viana e Pedro Drummond, promove o encontro entre os dois mineiros, estabelecendo o diálogo entre as palavras do poeta brasileiro e as traças do artista local. A obra, que dialoga com o colorido do sobrado reformado, O espaço fica na Rua Coronel Alves, 44, Centro Histórico, próximo à Casa da Ópera.



TEATRO

GRUPO AFOITA

Até 15 de julho, o Grupo Afoita do Teatro de São João del-Rei, faz temporada em BH. Em cartaz no Funarte-MG (Rua Januária, 68, Centro), a peça Morada (Belo) aborda os temas familiares. O texto foi criado pelo próprio grupo, dirigido por Marcos Fonseca. O elenco reúne Alessandra Silva, Kaiké Barro, Priscila Natany e Roger Xavier. Sessões de quinta-feira a sábado, às 20h, e aos domingos, às 18h. Os ingressos custam R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meio). Informações: (31) 3279-3084.



MÚSICA

ISABORA MELO

Pela primeira vez, Minas Gerais recebe show solo do cantora pernambucana Isadora Melo, que lançou o disco Inútilmente, em 2017. Ela se apresenta hoje, às 21h, no Espaço Aberto Pierrot Luna (Rua Juvêncio, 137, Fátima). Ingressos custam R\$ 50 (participação) e R\$ 60 (no porta, apenas em dinheiro). Informações: (31) 2555-4056.

OFICINA

ARTES CÊNICAS

Até dia 30, o Festival BH de Artes Cênicas apresentará 40 atrações cênicas e 21 debates no cenário, além de oficinas, palestras e debates. Hoje e amanhã, às 19h, no Espaço Aberto Pierrot Luna (Rua Juvêncio, 137, Fátima), Roberto de Almeida ministrará a oficina Aplicando o teatro à educação. Informações e programação completa: www.artescenicabemg.com.br.

PRÊMIO

COPSA SINAR

Teatro-Itaú em BH, foi entregue o 4º Prêmio Copisa Sinar de Artes Cênicas a produção que estreou em 2017 em Minas. Foram contemplados os espetáculos Gente, a lição (comédia), Uma tendência para alegria (drama) e Bem-vindo e Sombra (drama), os autores são: Raul, Goulão, Marquês e Marina Gonçalves, o diretor Rogério Araújo, o produtor Jorginho e o coreógrafo Cláudio em si, do Sec. Cia de Dança. A lista completa de premiados está disponível em www.sinar.com.br/Programa/NU4ery.

Teatro de Minas Gerais é destaque em Brasília



Espetáculos reúnem teatro e dança e serão apresentados entre 17 e 20 de março, no Teatro Sesc Gárgem

As companhias Cia Mineira de Teatro e Afoita Teatro chegam em Brasília através do projeto Circulação das Artes - Edição Centro-Oeste da FUNARTE. "Em câmbio: Cenas de Minas" traz os espetáculos "Outono" e "Morada" nos dias 17, 18, 19 e 20 de março, sempre às 20h, para apresentações no Teatro Sesc Gárgem.

Tratam-se de espetáculos cujos temas são apresentados de forma criativa, lançando mão do lúdico e do lírico e trazendo elementos que ampliam a visão da realidade.

"São duas obras que partem do modo de produção de teatro de grupo, valorizando a tradição e a artesanato do teatro mineiro. Morada fala sobre relações familiares, convida a plateia para um café, traz música ao vivo, faz rir e ao mesmo tempo elabora uma forte crítica à família tradicional. Já Outono aposta em uma linguagem mais ousada e reflete sobre esses temas de polaridades que estamos vivendo garante Priscila Natany e integrante das companhias.

A Cia Mineira de Teatro e a Afoita Teatro são duas companhias teatrais sediadas em São João del-Rei (MG), que surgiram em 2018 e 2016, respectivamente. Ambas desenvolvem um trabalho de dramaturgia autoral e já participaram de diversos festivais e mostras no estado de Minas Gerais.

"Para nós é muito gratificante voltar aos palcos, pois trata-se de uma legitimação do nosso trabalho e de um passo grande dessas duas jovens companhias, que buscam expandir seus caminhos para além das montanhas mineiras nos últimos anos. São duas peças autorais que buscam investigar a linguagem cênica e criar novos mundos junto ao público, e que merecem oportunidades de serem vivenciadas", conclui Júnio de Carvalho, ator e produtor do projeto.

FOLHA DE PONTE NOVA - 15 de outubro de 2021

CULTURA 11

ademar figueiredo
ademar@sinaflores.com.br

arte & cultura

Afoita Teatro comemora 5 anos e estreia temporada on-line do espetáculo 'Morada'

Em 5/10, Roger Xavier publicou em suas redes sociais post com cartaz do espetáculo "Morada" e o seguinte texto: "Bom dia, meus amigos! Daqui a 10 dias, uma estreia. Não, não é um espetáculo novo, pois ele já existe desde 2017. É, na verdade, a estreia de um produto do espetáculo, um trabalho audiovisual atento ao vigor do teatro, embora ele queira escapar de nós. O teatro é tímido com as câmeras. Mas, mesmo assim, está interessadíssimo em apreciar 'Morada' pelo vídeo. Então, coloque na agenda, permita-se! Esta temporada virtual não seria possível se não fosse o apoio cultural do BOMG".

Pois bem, este dia chegou! De 15 (hoje, sexta-feira) a 31/10, temos sessões gratuitas do espetáculo no canal Afoita Teatro, no YouTube. Em "Morada", a história da peça apresentada ao público propõe a liberdade de se pensarem outras configurações para a composição familiar. É um espetáculo que suscita empatia em todos os espectadores logo no início, quando, dentro de um quadro-cômico, com música executada ao vivo, atores e atores interlocutores na plateia e travam diálogo direto, num convite para a conversa. Nesse, estão Alessandra Silva, Kaiké Barro, Priscila Natany e Roger Xavier (de cima para baixo na foto). A direção é de Marcos Fonseca.

Com o formato on-line, o diálogo direto com o público precisou adaptar-se. O grupo retornou ao processo criativo, criando mudanças na dramaturgia, agora mediada pela tela. Referências do cinema ganharam a cena, como o trabalho de fotografia e enquadramento, sem perder a essência teatral. Inclusive, o teatro está fisicamente presente no vídeo, sendo revelado em momentos do novo trabalho, que foi gravado no Teatro Municipal de São João del-Rei. Com esta temporada, a Companhia comemora 5 anos de intensos trabalhos realizados pelo grupo formado em São João del-Rei.

O pontenense Roger Xavier é ator, professor de Teatro e pesquisador de História do Teatro Brasileiro. Possui formação técnica em Teatro pelo Curso de Preparação para Atores, da extinta Cia. Teatral Manicômicos (São João del-Rei). É licenciado em Letras pela UFPA, licenciando em Teatro pela mesma instituição, mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO, membro do Grupo de Pesquisa em História do Teatro Brasileiro (GPHTB) e presidente do Conselho Municipal de Política Cultural de Ponte Nova. Atualmente, é professor designado na EE Professor Raimundo Martiniano Ferreira (EE Polivalente) e atua e produz a montagem da comédia "Quem matou Maria Helena?", dramaturgia de Cláudio Simões e direção de Rita Clemente, com estreia prevista para o próximo mês.

Então, fica o convite para a temporada on-line gratuita do espetáculo "Morada". De 15 a 31/10, no canal do YouTube da Afoita Teatro, sextas e sábados, às 19h, e domingos, às 18h. Mais informações no site desta FOLHA.